



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17810 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**PROFESSORALIDADE HETERODISSIDENTES: PROFESSORES/AS ALÉM DA AUTOIDENTIFICAÇÃO LGBTQIAPNP+**

Manoel Luiz Santos da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Ivanildo Amaro de Araujo - UERJ - FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**PROFESSORALIDADE HETERODISSIDENTES: PROFESSORES/AS ALÉM DA AUTOIDENTIFICAÇÃO LGBTQIAPNP+**

---

## 1 CONVERSAS INTRODUTÓRIAS

Atualmente, estudos que versam sobre gênero e sexualidade têm demonstrado a importância da discussão da temática nos diversos setores sociais e imprescindível na educação, todavia, têm revelado que a abordagem da temática na escola tem dividido opiniões. Isso tem instaurado “pânico moral”, alimentado por movimentos políticos contrários a diversidade, à democracia e o direito de todos/as e todes serem o que quiser na escola e fora dela (Seffner, 2020).

Em outra perspectiva, a educação ainda é apontada como potente instrumento da (trans)formação social e imprescindível para a desconstrução das estruturas de poder que perpetuam a hegemonia da cisheterossexualidade em nossa sociedade, sendo a escola, enquanto instituição educativa, fundamental para implementação de ações pensadas e orquestradas com o propósito de contribuir com a promoção da igualdade de gênero, respeito às diferenças e construir um mundo mais justo e igualitário.

O termo “cisheteronormatividade” acionado nesse trabalho corresponde ao conjunto de crenças sobre gênero e orientação sexual, a partir da concepção de cisgeneridade como categoria que confere o gênero atribuído à pessoa no

nascimento. A cisgineiridade e a heterossexualidade “entendidas” como superiores a outros modos de ser que não correspondem ao gênero e/ou as orientações sexuais que fogem da norma socialcultural cisgênera e heterossexual, idealizações sociais presumidas na identificação do gênero e sexualidade com base na genitália (Hining; Toneli, 2023).

Enquanto questão disparadora de problema deste estudo nos impulsiona a buscar saber: Como as práticas pedagógicas de docentes não heterossexuais constituem as professoralidades heterodissidentes? Para responder à questão problema, o estudo tem como objetivo principal refletir sobre os modos de ser professor/a não heterossexual e as experiências relacionados a sexualidade e as práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. Assim, a partir de conversas com professores/as inscritos na sigla LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexual, assexuados/as, pansexuais, não-binários e “+” outras expressões de gêneros e de sexualidades), buscamos identificar iniciativas de enfrentamento da LGBTfobia institucional e as possibilidades de desenvolver ações e práticas pedagógicas de resistência e luta contra o preconceito na escola.

Com respaldo nos estudos de Junqueira (2014) e Louro (2014), o preconceito de gênero e desrespeito à diversidade sexual tem relação direta com a matriz cisheteronormativa que impera no ambiente escolar reproduzindo e fortalecendo socialmente o preconceito. Nessa perspectiva, tudo que é dissidente dessa matriz normativa, que transgride a cisheterossexualidade, é visto de forma preconceituosa e marginalizado socialmente.

À frente dessa realidade, a justificativa desse trabalho tem relação com a importância de compreender que as escolas não são lugares onde apenas crianças, jovens e adultos cisheterossexuais convivem. Assim como “os espaços em que vivemos são todos altamente generificados e com a constante presença de questões que evidenciam elementos da sexualidade nas trocas simbólicas” (Seffner; Picchetti, 2016, p. 64), as escolas são compostas por pessoas com gênero, sexualidade, raça/etnia, religião, cultura, modos de ser e de viver que dão origem as diferenças.

Com intenção de problematizar a imposição cisheteronormativa na escola este estudo de caráter exploratório e qualitativo emerge de giros de conversa realizados com professores/as heterodissidentes, parte de uma dissertação de mestrado profissional em educação e diversidade, que se dispuseram a problematizar questões de gêneros e sexualidade na educação. Este recorte se debruça sobre narrativas autobiográficas de uma professora lésbica e dois professores gays que atuam na Educação Básica e enfrentam a complexidade de lidar com essas imposições normativas da cisheterossexualidade na escola.

Os giros de conversa foram realizados com uma professora lésbica e dois professores gays, que, neste trabalho, considerando a ética e direitos de preservação da identidade, serão identificados com nomes da flora do Nordeste (*professora Bromélia, professor Gravatá e professor Mandacaru*), por reconhecemos que diante das condições climáticas da região a vegetação nordestinas, sobretudo a que compõem a Caatinga, é símbolo de resistência, assim como, pessoas que se integram à comunidade LGBTQIAPN+ resistem a aridez social cisheteronormativa.

O trabalho está estruturado em três seções: Na seção *Conversas Introdutórias* dialogamos com as questões de gênero e sexualidade na educação e manutenção da cisheteronormatividade visando se aproximar das questões da dissidência de gênero, diversidade sexual e do preconceito na escola, bem como elucidar a problemática, o objetivo, a justificativa e o percurso metodológico do trabalho; na segunda seção, *Conversa com professores/as heterodissidentes que atuam na educação básica, inferências teóricas e construção de outros saberes*, é apresentado o procedimento teórico-metodológico realizado a fim de produzir saberes que versam a respeito das professoralidades heterodissidentes. À vista disso, é apresentada a análise das questões emergentes nos giros de conversa; por conseguinte, na terceira seção, são apresentadas as considerações (in)conclusas de uma conversa com professores/as não heterossexuais e a constituição das professoralidades heterodissidentes.

## **2 CONVERSA COM PROFESSORES/AS HETERODISSIDENTES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO BÁSICA, INFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONSTRUÇÃO DE OUTROS SABERES**

Esta seção apresenta informações a respeito do procedimento teórico-metodológico e as questões emergentes nos giros de conversa, dispositivo metodológico realizado com o propósito de refletir como as práticas pedagógicas de docentes não heterossexuais constituem as professoralidades heterodissidentes.

Com respaldo nas concepções de Skliar (2018) sobre a eficácia da conversa como instrumento pedagógico na construção de saberes, a conversa foi assumida como dispositivo metodológico. Assim, fazendo girar o assunto em pauta e socializar das experiências compreendendo que “[...] a conversa é, essencialmente, um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida” (Skliar, 2018 p. 12). Isso significa que a conversa nos impele a pensar no que fazemos ou faremos de melhor com o mundo e como nos relacionamos com ele, nos tornamos responsáveis pelas nossas vidas e pelo nosso papel social como professores/as

heterodissidentes.

Vale salientar que os giros de conversa foram planejados de modo a contemplar nas narrativas a ideia das professoralidades heterodissidentes. Assim, para que houvesse melhor consciência do processo e análise das questões emergentes durante a conversação, os giros de conversa foram gravados. Desse modo, no processo de produção da escrita, em comprometimento com a ética, procuramos garantir aos/as professores/as colaboradores/as e ao/a leitor/a legitimidade das narrativas.

A noção de professoralidade assumida nesse trabalho se relaciona com a concepção de Pereira (2016), da professoralidade como uma “marca produzida na superfície da sua subjetividade que contamina suas formas de ser” (Pereira, 2016, p. 53), potencialmente propositiva na diferença de organização do modo de ser professor/a. Ao pensar sobre diferentes formas de professoralidades heterodissidentes não temos a intenção de contrariar a concepção de professoralidade concebida por Pereira (2016), como marca produzida no/a docente, mas, potencializar as reflexões acerca da diferença na organização dos atravessamentos das subjetividades e de outras formas de tornar-se professor/a com identidade gay, lésbica, bissexual - LGBTQIAPN+ - “vir a ser algo que não se vinha sendo” (*idem*).

As narrativas aqui confabuladas se configuram como socialização de saberes, embora muitas vezes não teorizados. Logo, sugerimos ao/a leitor/a a empenhar-se na leitura das subseções posteriores e conosco refletir acerca da constituição professoral e as experiências capazes de suscitar novos conhecimentos, outras aprendizagens e outros saberes sobre professoralidades heterodissidentes.

## **2.1 Questões emergentes nos giros de conversa**

Pensando como as práticas pedagógicas de docentes não heterossexuais constituem as professoralidades heterodissidentes elencamos seis categorias principais de análise emergentes nos giros de conversa: 1) O pensamento sobre as professoralidades heterodissidentes; 2) reprodução da homofobia na escola; 3) o controle e a invisibilização dos corpos dissidentes da cisheterossexualidade na escola; 4) experiências e saberes docentes; 5) práticas pedagógicas; e 6) formação docente sobre a temática de identidades de gênero e diversidade sexual na educação. Essas foram emergentes as principais categorias de análise para pensar outras professoralidades que veem sendo constituídas a partir dos atravessamentos e afetamentos da subjetividade de professores/as LGBTQIAPN+

e a constituição das professoralidades heterodissidentes.

Propondo a professora e aos professores refletirmos sobre a seguinte questão: Como é ser professor/a heterodissidente na Educação Básica e quais são os desafios, o *professor Mandacaru* se inscreveu e assumiu a narrativa dizendo:

Então... pensar na heterosissidência, é pensar professores/as gays, lésbicas que, para além dessa denominação, se colocam a pensar práticas curriculares que impulsionem uma visão totalmente diferenciada desse ciclo heteronormativo. E aí, eu fico amadurecendo essa visão porque quantos de nós nos denominamos nessa condição de: “somos gays, somos lésbicas”, mas, na hora de chamarmos atenção disso na nossa prática, na nossa professoralidade, no nosso cotidiano a gente acaba deixando essas questões de lado (*Professor Mandacaru, 2023*).

De acordo coma narrativa do professor, para se pensar as professoralidades heterodissidentes ligada a modos de ser e agir de professores/as com sexualidades dissidentes sugere uma abordagem abrangente e crítica que vai além da simples autoidentificação de professores/as LGBTQIAPNP+, desafiando a normalização cisheteronormativa, mas também um diferencial na construção e exercício do currículo escolar e na dinâmica das práticas pedagógicas. A preocupação expressada pelo *professor Mandacaru* sobre a possibilidade de perpetuar o modelo cisheteronormativo, mesmo ao se identificar como gay ou lésbica, destaca a importância de uma prática educacional consciente e intencional.

Se colocando no giro de conversa a professora Bromélia compartilhou:

É uma pergunta muito difícil de responder, inclusive porque você entra na escola e já tá tudo nas caixinhas e você tem que ir lá mudar certas coisas. [...] porque não dá para deixar tudo como está, porque tem muita coisa errada ainda, viu! Muita! (*Professora Bromélia, 2023*).

A narrativa da professora nos revela o desafio de ser professora lésbica em uma escola da Educação Básica. A preocupação da professora sobre como infiltrar o seu próprio modo de ser em uma escola que já está “tudo certinho” ressoa com a reflexão do *professor Mandacaru* sobre a necessidade de questionar e transformar as normativas do currículo escolar que não problematiza e, frequentemente, reforça a matriz cisheteronormativa.

Na direção da questão levantada pelo *professor Mandacaru* e da *professora bromélia*, a constituição das professoralidades heterodissidentes, está para além da autoidentificação de professores/as LGBTQIAPNP+. Definir as professoralidades heterodissidentes considerando apenas as questões identitárias e as práticas de enfrentamento e interrupção do ciclo cisheteronormativo, é correr o risco de desconsiderar elementos que não identitários, mas que são potentes no combate à

norma cisheterossexual, por exemplo a experiência vivenciada no contexto escolar e social.

A respeito da reprodução da homofobia na escola, não há dúvidas de que é uma discussão necessária e urgente. O *professor Gravatá* narrou o desafio que é perceber e lidar com o preconceito contra os corpos dissidentes da heteronormatividade nas suas conversações. O que faz necessário retomar a problemática da LGBTfobia na escola.

A gente vai chegando, a gente vai conversando e vendo aquelas pessoas que têm mesmo abertura, tem um pensamento mais aberto para isso, porque querendo ou não, o nosso corpo fala, não é? Nosso corpo fala! (*Professor Gravatá*, 2023).

A fala do *professor Gravatá* é muito pertinente, indicando a necessidade de reflexão e respeito ao corpo que se expressa com as marcas que o constitui. Mesmo sem a pretensão de provocações, por meio da maneira de ser, o nosso corpo fala, é notado, por que nosso corpo é vivo.

A LGBTfobia reproduzida no espaço escolar contra pessoas que não estão afinadas com tal modelo cisheteronormativo é produto do preconceito e discriminação estrutural, de construção e hierarquização de identidades de gênero e sexualidade, “alimentadas por estruturas curriculares e cotidianidades escolares que, por sua vez, reforçam ulteriormente ou são continuamente reforçadas por concepções [cis]heteronormativas” (Junqueira, 2009, p. 23). Ela manifesta-se inclusive em ações institucionais, por partes de servidores/as da educação com atitudes discriminatórias e preconceituosas, quando deveriam proteger ou garantir direitos à população LGBTQIAPN+, especialmente quando se trata de crianças.

Sobre a política de controle e a invisibilização dos corpos dissidentes da cisheterossexualidade na escola, as narrativas da *professora Bromélia* e dos *professores Gravatá e Mandacaru*, apresentam sinais da imposição cisheteronormativa, por exemplo, com relação ao controle dos corpos de estudantes, professoras/as e de demais servidores/as que dissidentes da cisheteronormatividade, tolhendo o modo de ser e existir no mundo. Nessa linha de discussão, observamos a escola como instituição atuante na manutenção da norma cisheterossexual, resistente em acolher pessoas dissidentes.

Os saberes experienciais são desenvolvidos ao longo da trajetória docente, de forma individual e/ou coletiva, tendo como base primária as próprias experiências no exercício professoral. “É oportuno entendermos que este tipo de saber se origina através da experiência vivida nas diversas situações de prática a que se expõe” (Santana, 2019, p. 12) o/a professor/a. Não são saberes provenientes das instituições ou sistematizados pela teoria para a formação de professores/as, mas sim da própria experiência e por ela validado.

A discussão sobre gênero e sexualidade é um assunto complexo e que surge atravessando a ordem dos conteúdos no cotidiano das aulas escolares, às vezes, não planejada e/ou posta no currículo institucional.

Diante desse contexto, o *professor Gravatá* apontou a formação docente sobre a temática de identidades de gênero e diversidade sexual na educação como imprescindível, sinalizada com uma questão que precisa de atenção na implementação nas licenciaturas e formações continuadas. A formação docente em decorrência de interesse em conhecer, respeitar e aplicar os conceitos relacionados a sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, é justificada devido a relevância da preparação dos/as professores/as para lidar didaticamente com tensões que ocorrem em tempo real em sala de aula.

### **3 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSAS DE UMA CONVERSA COM PROFESSORES/AS NÃO HETEROSSEXUAIS**

As conversações com a professora e os professores/as participantes dos giros de conversa, reforçam que é imprescindível e urgente ampliar e complexificar da discussão de gênero e sexualidade na escola.

É desafiador ser professor/a heterodissidentes. As situações problema relacionadas ao controle dos corpos LGBTQIAPN+ não se revelam ou estão postas apenas nos dados estatísticos. Os fatos são perceptíveis nas escolas, basta olhar em volta com lentes de gênero e sexualidades dissidentes. Os modos de tratamento, especialmente, com relação às crianças, adolescentes e jovens que trazem em seus corpos a expressividade dos trejeitos, vistos como “bichas pintosas”, são diferenciados. Nesse contexto, a naturalização do preconceito acaba sendo muito perigosa. Ser professor/a dissidente não é fácil. É sempre desafiador ser professor/a heterodissidente em instituições educacionais conservadoras que reproduzem a cisheteronormatividade através das normas institucionais.

As narrativas docentes, nos dão sinais é preciso criar brechas, criar estratégias pedagógicas para pôr em prática as nossas professoralidades heterodissidentes. Nesse sentido, a partir da articulação dos saberes experienciais e dos saberes docentes, é preciso potencializar e implementar práticas pedagógicas através de agenciamentos de estratégias políticas, mesmo que seja preciso, ao mesmo tempo, “desorganiza” a formação institucionalizada para articular outras formas de formar-se e tornar-se professor/a considerando outros saberes, experiências vivenciadas na escola, na vida individual e coletiva.

Tomando como referência as narrativas docentes, chega-se à ideia que a

heterodissidência, as experiências, os saberes docentes e agenciamentos das práticas pedagógicas, conjuntamente, imprimem uma marca na própria professoralidade forjando outros modos de ser professor/a, que estamos chamando de professoralidades heterodissidentes.

## REFERÊNCIAS

HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BtLpSzcY7BJx7t4nz6vSvC/>. Acessado em: 24 mar. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro**. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

PEREIRA, Marcos Vilela. **Estética da Professoralida: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da UFMS, 2016.

SANTANA, Anthony Fábio Torres; PEREIRA, Marcos Villela. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. **REVELLI**, Vol. 11. 2019.

SEFFNER, Fernando. **Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: O delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 28, p. 75-90, jan./abr. 2020.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. **A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: Uma Educação sem Gênero e sem Sexualidade é Desejável?** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 61-81, Jan./Abr. 2023.

SKLIAR, Carlos. Elogio à Conversa (em forma de convite a leitura). In: **Conversa como metodologia da pesquisa: Por que não?** / Orgs.: Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio / Coleção ciência e pesquisa em questão. Rio de Janeiro, 2018.

RESUMO: Este resumo expandido apresenta resultados (in)conclusos de um estudo com o objetivo de refletir sobre os modos de ser professor/a não heterossexual e as experiências relacionados a sexualidade e as práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. A questão que move o trabalho é: Como as práticas pedagógicas de docentes não heterossexuais constituem as professoralidades heterodissidentes? De natureza qualitativa, assume a conversa



como dispositivo metodológico. Os resultados das narrativas docentes apontam a seguintes categorias de análise a respeito da temática de gênero e sexualidade na educação, mas, não somente, também apontam a experiência docente como elemento da constituição das professoralidades heterodissidentes.

Palavras-chave: Professolaridade Heterodissidente; Experiências; Práticas Pedagógicas.